

PRIMEIRO PLANO

Imagens e imaginação

O problema das televisões, em casos como a catástrofe do Haiti, é que as imagens, perversamente, limitam a imaginação do sofrimento alheio



Paulo Tunhas

Às vezes a televisão mostra o seu lado perverso. Ao ponto de convir, de facto, evitá-la. Agora foi com o terramoto do Haiti. Se calhar a perversão aqui era fatal, mas isso não a torna menos perversão.

Ver repetidamente pessoas que sofrem, aqui ou ali inquiridas por jornalistas sobre a natureza dos seus sofrimentos, suscita, estranhamente, uma espécie de indiferença à dor alheia, acompanhada, ou não, da respectiva má consciência. Sobre tudo quando, tratando-se de uma catástrofe natural, a coisa não é susceptível, num plano imediato, de muita elaboração. Aconteceu. É um puro facto. É assim. Note-se que, se se tratasse de uma violência exercida por seres humanos sobre outros seres humanos, a reacção seria, em

todo o caso, diferente. Seria necessário tomar posição. Aqui não. Culpar o vago Estado haitiano pela miserável situação da vida por aquelas bandas, que levou à extravagante escala da mortandade, ou então culpar ex-potências coloniais, ou, por uma ou outra razão (encontra-se sempre uma), os Estados Unidos, é, no contexto, ligeiramente obsceno. Aconteceu. É um puro facto. É assim.

A imprensa escrita, pela sua própria natureza, não corre o risco da televisão. Não dá a ver. Melhor ou pior, informa. E, de um modo só aparentemente paradoxal, a simples informação é capaz de provocar emoções humanas mais poderosas, e de nos fazer pensar mais, do que a repetição em massa das imagens. Por isso passei para os jornais. Ainda gostava de conseguir continuar a experimentar a comoção da piedade quando vejo alguém ser retirado, com um sopro de vida, dos escombros. E tenho a certeza que as muitas pessoas que partiram voluntariamente para o Haiti para tentar salvar vidas não fo-

ram por causa das imagens: foram por causa da informação.

O problema da televisão não é, como se repete ritualmente nestas circunstâncias, o “voyeurismo”. Supor prazer (mesmo disfarçadíssimo) na produção, ou na contemplação, daquelas imagens parece declaradamente excessivo. O verdadeiro problema, a origem da perversão, reside em o excesso de imagens inibir precisamente a imaginação. Ora acontece que o sentimento de continuidade que temos em relação aos outros, e que nos permite a simpatia e a comoção, vem da imaginação. As imagens, repetidas vezes sem conta, alheiam-nos dos outros, fazem-nos objectos. O próprio choro da criança se transforma num objecto.

Não sei, repito, se as televisões podiam fazer diferentemente. São feitas para mostrar a exterioridade, para a impor. E a exterioridade bruta não revela o sofrimento. Mostra uma aparência que, finalmente, nos distrai da coisa em si.

*Professor do Departamento de Filosofia da Universidade do Porto
Escreve à quarta-feira*



A televisão, ao contrário dos jornais, não revela o sofrimento interior

CARLOS BARRIA/REUTERS

UMA IDEIA PARA PORTUGAL

“Assegurada a diminuição da despesa pública, a nossa sociedade civil já mostrou aceitar um aumento do IVA e o congelamento dos aumentos salariais mais altos. Mas sem um aumento da riqueza não poderá haver emprego e contas equilibradas. E que tal um pacto para que, até 2012, não haja tolerâncias de ponto e que seja revisto o nosso calendário de feriados, conciliando os significados do 25/4, do 10/6, do 5/10 e do 1/12 numa mesma comemoração, a de um Portugal que cresça para poder ser mais equilibrado?”

BERNARDO DE ARROCHELLA ALEGRIA
SÓCIO DA ABREU ADVOGADOS



iCORREIO



As mensagens dos leitores devem ser enviadas para o seguinte endereço: correio.leitores@ionline.pt

ASSASSINATO EM DIRECTO

A Gulbenkian levou a cabo, em directo, o assassinato da “Winterreise”, de Schubert, pelo Remix Ensemble, com a cumplicidade de Christoph Prégardien. Na véspera, em Belém, Rufus Muller e Maria João Pires tinham, mais uma vez, reposto o Sublime, que seria trucidado, 24 horas mais tarde, em Palhavã. Um pouco de indignação, por favor.

ARTUR CARVALHO LISBOA – POR EMAIL

iCORRIGE

Na edição de 22 de Setembro publicámos na primeira página uma fotografia de três alunos do Colégio Militar para ilustração da notícia “Colégio Militar puniu 600 abusos num só ano”. A referida fotografia foi comprada pelo jornal à agência Lusa, na plena convicção da sua legalidade, nomeadamente que teria existido prévio consentimento dos pais dos menores retratados para a sua publicação. Sucede porém que, após a publicação da referida edição, fomos confrontados com o facto de os pais não terem dado o consentimento necessário, bem como com o seu desagrado com tal publicação. O *i* admite como cenário compreensível aquele que levou os pais dos retratados com a fotografia publicada a conceberem uma articulação entre a mesma e a respectiva manchete, muito embora tal nunca tenha sido a intenção ou sequer o desejo do *i*.

Na verdade, lamentamos profundamente o sucedido, do qual nos sentimos, igualmente, vítimas. Em todo o caso, endereçamos, mais uma vez, as nossas desculpas pelo ocorrido aos menores retratados e aos seus pais.